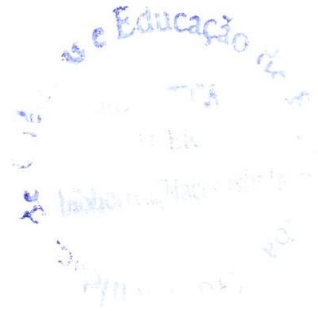


Helânia Raquel Amaral de Oliveira



# *Felicidade em Santo Agostinho*

Rubiataba – 2002.

Helânia Raquel Amaral de Oliveira



# Felicidade em Santo Agostinho

Monografia apresentada como exigência para conclusão do curso de Filosofia da Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba, sob a orientação do professor Paulo Henrique Castanheira Vasconcelos.

30738  
500v

Rubiataba – 2002.

Tombo n.º	7344
Classif.:	
Ex.:	1
Origem:	d
Data:	27.05.03

## *A Vida*

*“A vida lhe dá de volta tudo que você diz ou faz.  
É simplesmente o reflexo de nossas ações.*

*Se você quer mais amor no mundo, crie mais amor  
no seu coração.*

*Se você quer mais responsabilidade da sua equipe,  
desenvolva sua responsabilidade.*

*A vida é somente a prova de nossa capacidade,  
tanto no plano pessoal quanto no profissional.*

*A vida vai lhe dar de volta o que você deu a ela.  
Sua vida não é uma coincidência, é consequência  
de você!!!”*



## *Dedicatória*

Dedico este trabalho a aquele que me deu alegria, tristeza, me ofereceu rosas e espinhos ao longo de minha caminhada e que me protege sempre dia e noite à Deus.

Aqueles que nunca mediram esforços e batalharam sempre para que eu trilhasse no caminho do bem, espalhando alegria, otimismo, afeto, segurança e tudo o que for bom aos meus pais.

Aos que tiveram a oportunidade de conhecer as grandezas da vida antes que eu chegasse e que se alegraram com minha chegada, aos meus irmãos e cunhados, cunhadas.

Aquele que na caminhada de minha vida tive a oportunidade de conhecer e nos unimos, enfrentando dificuldades e compartilhando lado a lado nossas tristezas e alegrias.

Há um pequeno ser que chegou em minha vida para completar o meu eu, sendo meu sustentáculo para a luta do dia-a-dia. Meu filho Victor Hugo.

Aqueles que de uma forma ou de outra sempre me transmitiram muito carinho, amor e alegria, sobrinhos e sobrinhas.

# *Agradecimentos*

## **À Deus**

"Pai, antes mesmo que eu nascesse tu estavas presente. Nos meus primeiros passos, em minha caminhada, no meu dia-a-dia nos momentos de alegrias, e tristezas, pois cada momento é um oferecimento seu.

Acima disso, quero agradecer porque não é o fim de nada, mas o começo de tudo".

Pai, mãe sou imensamente envaidecida por ser sua filha.

Eu que durante toda uma vida recebi de vocês apoio, carinho, dedicação, só tenho para oferecer-lhes em troca meu sorriso e um afeto translúcido e pulsante da cor da felicidade que vocês souberam proporcionar-me.

Aqui deixo meus agradecimentos por terem feito de mim a continuidade de seres tão maravilhosos.

## **Ao meu esposo e filho**

"Pelo amor que traz à vossa presença e apoio constante, felizes, compartilhamos vida e sentimento ao amor que compreende e caminhamos de mãos dadas".

Obrigada.

## **Aos mestres**

Aqueles que me incentivaram a não desanimar diante de um insucesso, ninguém poderá substituí-los, mas o que me consola é que trago em mim muito de vocês, muito o que me ensinaram.

E agora encontro-me procurando meu estado de aluna, sabendo que em instantes me tornei seu colega, porém com a certeza de jamais deixar de ser seu discípulo... O discípulo que guardará na memória os ensinamentos, o jeito, a pessoa e no coração a gratidão, o respeito e a saudade.

### **Aos colegas**

“Hoje nos despedimos.

Por vários anos passamos por dificuldades, inseguranças, erros, acertos, vitórias e alegrias.

Chegamos ao final com a certeza do dever cumprido.

Durante todo esse tempo fomos colegas, amigos e até irmãos. Choramos e sorrimos muitas vezes juntos.

E isso nos faz pessoas diferentes. Diferentes porque o riso e a lágrima têm a capacidade de unir pessoas e ao nos separarmos levamos um pouco do outro e deixamos um pouco de nós.

Colegas, muitas lutas nos esperam! Mas, tenhamos sempre em nós essa força que nos trouxe até aqui e que agora nos leva a seguir caminhos diferentes. A saudade de todos e a esperança de um breve reencontro estarão sempre em nossos corações”.

---

# *Sumário*

---

Introdução.....	01
-----------------	----

### **Capítulo I**

Vida.....	05
Datas importantes da sua vida.....	09
Pessoas influentes na sua vida.....	10
Suas motivações e inspirações.....	11
Lugares importantes.....	11

### **Capítulo II**

Obras.....	12
A Cidade de Deus parte I.....	13
A Cidade de Deus parte II Contra os Pagãos.....	14
Confissões.....	15

### **Capítulo III**

Felicidade .....	17
A felicidade na sociedade.....	25
A felicidade em Deus.....	26
Centenário de Santo Agostinho.....	31

Apêndice.....	32
Santo Agostinho jovem.....	33
Santo Agostinho na vida religiosa.....	34
Santa Mônica.....	35
Onde está a Felicidade?.....	36
Conclusão.....	38
Referências Bibliográficas.....	40

---

# *Introdução*

---

**E**sse trabalho versa sobre a Filosofia em Santo Agostinho, é composto de três capítulos que nos mostra as grandezas do pensamento de Santo Agostinho e das belezas do grande mistério de Deus. No primeiro capítulo, Santo Agostinho nos mostra um pouco de sua vida, em busca da felicidade. Sua vida passou por várias fases.

Nasceu em 354, na cidade de Tagaste, pequena cidade de Numídia na África, filho de Patrício e Mônica. Sua formação cultural realizou-se na língua latina e com bases nos autores latinos.

Durante algum tempo viveu sobre as coisas mundanas, nas quais teve também um romance com uma concubina que se chamava Flória Emília que o amou profundamente, entregando-se a ele e aos prazeres sensuais em que ele era mestre.

Foi sua companheira nas horas difíceis e dele gerou um filho, doze anos coabitou com ele. Com o passar dos tempos foi abandonada, pois a mãe de Agostinho não a aceitava em sua vida, foi expulsa de repente sem nem poder dizer adeus ao filho que nunca mais veria.

Santo Agostinho abandonou todos os prazeres seguindo sua vida ao lado da mãe e do filho, buscando levar seu pensamento as coisas de Deus. Seguindo os estudos nos quais, se tornou professor, bispo até que se santificou, pois se realizou seguindo o caminho de Deus e se desprendendo das coisas do mundo.

Foi um filósofo na época moderna seguiu os mandamentos de Platão. Todas essas fases de sua vida, os acontecimentos contribuíram para a formação e evolução espiritual do pensamento filosófico e teológico de Agostinho.

Santo Agostinho morreu em 430, mas deixou grandes obras nos mostrando caminhos nos quais precisamos percorrer para nos realizarmos no plano de Deus, pois

para ele podemos nos realizar, sermos felizes se nos desgarrarmos das coisas mundanas e vivermos as coisas de Deus.

Sem dúvida Santo Agostinho foi um exemplo raro na história do cristianismo. Era um pensador profundo, que em todos os temas que escreveu imprimiu um cunho especial de seu gênio, que será apresentado no segundo capítulo.

Na cidade de Deus, ele fala de dois que amores fundaram duas cidades: a primeira glória em si mesmo, nas coisas terrenas e desprezo do amor a Deus, a segunda ele fala em Deus.

Em suas famosas Confissões Agostinho relata a própria trajetória atormentada de jovem inquieto, amante dos prazeres sensuais, até a conversão plena ao cristianismo, que para ele significou renunciar totalmente dos bens terrenos e às paixões do mundo e levar uma vida de rigorosa continência sexual. Entre as coisas a que renuncia, está a mulher que foi sua concubina durante doze anos, a quem se diz afeiçoadíssimo e com quem teve um filho aos dezoito anos.

Apesar dessa longa convivência e dos protestos de amor. Influenciado pelo neoplatonismo, Agostinho aceita uma divisão radical entre corpo – fonte dos pecados – e alma – espiritualidade pura -, enquanto Flória Emília defende o espírito encarnado e a dignidade do corpo, também criação divina.

No terceiro capítulo é focado O que é felicidade e como a encontraremos.

A felicidade para Santo Agostinho é Deus, só é feliz quando o ser deixa de viver as coisas do mundo e passa a viver os ensinamentos de Deus, pois dele viemos e para ele voltaremos.

Agostinho expõe sobre o conceito de sabedoria da vida, fundamentado nos estóicos, fala da posição do sábio frente aos bens materiais e quando a felicidade é encontrada na razão, e resume da seguinte forma: ser feliz é não possuir nenhuma carência, é ser sábio. A sabedoria é a sabedoria de Deus, aquele que é feliz possui conseqüentemente a Deus.

Deus quer a nossa felicidade. Foi por isso que ele nos colocou no mundo. Dotou-nos de inteligência e capacidade para que pudéssemos alcançá-la. Porém, não definiu um caminho único, deu-nos muitos caminhos e nos fez livres para escolhermos. A felicidade é o encontro da vontade de Deus com nossas buscas.

Tudo isso nos mostra o verdadeiro sentido da Felicidade, basta que saibamos escolher o caminho certo. Temos o caminho do mal e do bem, o ruim e o bom, cabe a nós trilhar o caminho da paz, da esperança e da verdade que encontraremos a felicidade.

I

---

*Capítulo*

*Vida*

---

*“A certeza dada pela luz divina é maior do que a que é dada pela luz da razão natural”.*

*— S. Agostinho —*

**A**urélio Agostinho<sup>1</sup> nasceu no dia 13 de novembro de 354, era Medieval, em Tagaste, pequena cidade de Numíde, na África Romana, hoje Sul Alvias na atual Argélia e morreu a 28 de agosto de 430 em Hipona, vivendo 76 anos de dedicação, seguidor de Platão, foi um dos pensadores da igreja na época patrística. É festejado a 28 de agosto (data da sua morte).

Seu pai, Patrício, homem de recursos, pagão, mundano, era também pequeno proprietário de terras, converteu-se ao cristianismo nos últimos anos de sua vida. A sua mãe, Mônica era fervorosa cristã, que sempre manteve esperanças em relação ao filho.

Agostinho até 32 anos levou uma vida sensual e desregrada, quando se converteu e se dedicou aos estudos, sua formação cultural realizou-se na língua latina e com base nos autores latinos. Fez os estudos secundários e começou os estudos superiores em Madauro. Estudou retórica em Cartago, onde aos 37 anos.

A leitura do Hortensius de Cícero despertou-o para a Filosofia. Nessa época adere ao maniqueísmo no qual lhe deu a forma mais perfeita do cristianismo, satisfazendo então suas exigências intelectuais.

Em 383, desiludido com o maniqueísmo aproxima-se do cepticismo temporariamente. Depois de ter ensinado retórica em Cartago e Roma, foi nomeado professor em 384 em Milão. Onde conheceu Santo Ambrósio que era bispo daquela

---

<sup>1</sup> Enciclopédia Mirador Internacional, p 223.

*Felicidade em Santo Agostinho*  
*Helânia Raquel Amaral de Oliveira*

cidade, por essa mesma época, tornou-se para ele verdadeira revelação de um mundo espiritual, no qual Deus era fonte de todo o bem e a realidade total.

Renunciou a todos os prazeres, depois de uma grande luta interior e retirou para Cassiacum, perto de Milão, para meditar, e recebeu o batismo por Ambrósio, em 387 juntamente com seu filho Adeodato.

Atraído pelo ideal de recolhimento, resolve fundar um mosteiro em Tagaste. Na viagem, em Óstia, morre sua mãe e dois anos depois já na África seu filho. Dirigindo-se para Hipona, no início de 391, onde foi ordenado sacerdote, quatro anos mais tarde bispo. Mesmo assim não abriu mão do ideal de vida monástica fundando, uma comunidade que foi modelo e um centro de irradiação religiosa.

Santo Agostinho vive um momento crucial da história a decadência do império romano, o fim da antiguidade clássica. Em 410 ele é testemunha da tomada de Roma pelos visigodos de Alarico.

*A morte não é nada.  
Apenas passei ao outro mundo.  
Eu sou eu. Tu és tu.  
O que fomos um para o outro ainda o somos.  
Dá-me o nome que sempre me deste.  
Fala-me como sempre me falaste.  
Não mudes o tom a um triste ou solene.  
Continua rindo com aquilo que nos fazia rir juntos.  
Reza, sorri, pensa em mim, reza comigo.  
Que o meu nome se pronuncie em casa como sempre se pronunciou.  
Sem nenhuma ênfase, sem rosto de sombra.  
A vida continua significando o que significou,  
continua sendo o que era.  
O cordão da união não se quebrou.  
Porque eu estaria fora de teus pensamentos,  
apenas porque estou fora de tua vista?  
Não estou longe,  
somente estou do outro lado do caminho.  
Já verás, tudo está bem...  
Redescobrirás meu coração  
E nele redescobrirás a ternura mais pura.  
Seca tuas lágrimas e,  
se me amas,  
não chores mais<sup>2</sup>.*

---

<sup>2</sup> Pedro, SIND, *Vida de Santo Agostinho*, <http://www.google.com.Br/>

*Felicidade em Santo Agostinho*  
*Helânia Raquel Amaral de Oliveira*

E ao morrer em 430 presencia o sítio de Hipona Genserico, rei dos vândalos e a destruição do poderio romano na África do Norte. É nesse mundo convulsionado por lutas internas, onde proliferam as heresias e os cismas que Santo Agostinho exerce o magistério sacerdotal e escreve sua obra.

Sem dúvida, Agostinho foi um exemplo raro de inteligência em toda a história do cristianismo. Era um pensador profundo, que em todos os temas que abordou, imprimiu um cunho especial de seu gênio. Seus escritos, as suas obras, chegaram até nossos dias, cheias de vigor e atualizadas, como se tivessem sido escritas agora. Em cada frase, em cada pensamento, sente-se o pulsar de um coração cristão, verdadeiramente apaixonado, com batidas cadenciadas e firmes, manifestando o seu imenso amor de Deus. Suas principais obras foram:

1. O período de Cassiciano caracteriza-se pelos escritos de caráter filosófico: contra os acadêmicos, A vida feliz, A ordem, Os solosquios, A imortalidade da alma (este escrito em Milão). A quantidade da alma, escrita em Roma, em 388. Em Tagaste (388-391) foram compostas as obras: O mestre e a música.
2. A sua obra-prima dogmático-filosófico-teológico é a Trindade (399-419).
3. A sua obra-prima Apologética é a Cidade de Deus (413-427).
4. Os escritos exegéticos de maior destaque são: A Doutrina Cristã (329-426), os comentários literais ao Gênesis (401-414), e os comentários a João (414-417) e os comentários aos salmos.
5. Das obras contra os maniqueístas, pode-se recordar: Sobre os costumes da Igreja Católica e os costumes dos Maniqueus (388-389), Sobre o livre-arbítrio (388-391/395) A verdadeira religião (390) e sobre os Gêneses contra os Maniqueus (398).
6. Dentre os escritos conta os donatistas, recordamos: Contra a Epístola de Parmeniano (400), sobre o batismo contra os donatistas (401) e contra Gaudêncio, bispo dos donatistas (419-420).
7. Fazem parte dos escritos polêmicos anti-pelagianos: o espírito e a letra (412), sobre a gesta de pelagio (417) e A graça de Cristo e o pecado Original (418).

*Felicidade em Santo Agostinho*  
*Helânia Raquel Amaral de Oliveira*

8. Duas obras inauguram gêneros literários novos: As confissões (397), que são uma verdadeira obra-prima também do ponto de vista literário e as Retratações (426-427) em que Agostinho reexamina e retifica algumas teses, contidas em sua produção anterior que não estavam ou não lhe pareciam perfeitamente alinhadas com a fé cristã.

**Datas Importantes na Sua Vida**

ANO	IDADE	
354	00	13 de Novembro. Nasce em Tagaste.
365	11	Inicia os cursos de educação geral em Madaura.
370	16	Volta a Tagaste.
371	17	Transfere-se para Cartago, a fim de estudar Retórica e Artes Liberais.
372	18	Morre o seu pai, Patrício. Apaixona-se e junta-se a uma mulher.
373	19	Lê "O Hortênsio", de Cícero. Torna-se maniqueu (seita filosófico-religiosa). Provável nascimento de Adeodato, seu filho.
374	20	Regressa a Tagaste como professor de Gramática.
376	22	Morre um amigo íntimo. Agostinho vai de novo a Cartago como professor.
383	29	Vai para Roma, onde continua a docência.
385	31	Depois de ganhar a Cátedra de Retórica da Casa Imperial, por concurso, vai para Milão. Encontra-se com Santo Ambrósio, Bispo da cidade.
386	32	Outono: CONVERTE-SE À FÉ CATÓLICA. Passa alguns meses em Cassiciaco.
387	33	Noite da Páscoa (24-25 de abril): É batizado em Milão.

*Felicidade em Santo Agostinho*  
*Helânia Raquel Amaral de Oliveira*

Volta a África e morre sua mãe Mônica (santa), em Óstia Tiberina, porto de Roma.

388	34	Chega a Cartago e pouco depois a Tagaste. Vende suas posses e funda o primeiro mosteiro.
391	37	É ordenado Sacerdote em Hipona.
395	41	É Sagrado Bispo Auxiliar.
396	42	Sucedo ao Bispo Valério em Hipona.
400	46	Publica as "Confissões".
426	72	Publica a "Cidade de Deus".
430	76	Genserico ataca Numídia e cerca Hipona. 28 de agosto, Agostinho morre em Hipona.

### **Pessoas Influentes em sua Vida**

#### **Sua Família**

Patrício - Pai, oficial

Sta.Mônica - Mãe, fervorosa cristã.

Navigio - Irmão, morreu jovem.

Perpétua - Irmã, religiosa dos primeiros mosteiros.

Melânia (?) - Mãe de seu filho Adeodato.

Adeodato - Seu filho, morreu jovem.

#### **Seus Companheiros e Amigos**

Alipio - Conterrâneo e discípulo.

Evódio - Membro do grupo em Milão.

Severo - Membro da 1ª comunidade.

Possídio - Autor da 1ª biografia e erudito cristão.

Nebrídio - Discípulo de Agostinho na Itália.

*Felicidade em Santo Agostinho*  
*Helânia Raquel Amaral de Oliveira*

### **Suas Motivações e Inspirações**

Romaniano - Rico, amigo da família.

Cícero - Poeta latino e autor de O Hortêncio.

Fausto - Chefe supremo dos Maniqueus.

Santo Ambrósio - Bispo de Milão.

S. Jerônimo - Grande estudioso e erudito cristão.

Ponticiano - Empregado da Corte Imperial.

Mario Victorino - Filósofo do século IV.

### **Lugares Importantes**

**Tagaste** • cidade natal • início dos estudos • primeira experiência como professor de gramática • primeiro mosteiro agostiniano.

**Madaura** • educação secundária.

**Cartago** • estudos superiores: artes liberais e retórica • primeira experiência como professor de retórica • sede de muitos concílios que participou como bispo • fundação de um mosteiro agostiniano.

**Roma** • capital do Império Romano • cátedra de retórica • lugar de repouso depois da morte de sua mãe.

**Milão** • residência do Imperador • cátedra oficial de retórica no palácio imperial • lugar da sua conversão e batismo.

**Óstia Tiberina** • porto marítimo de Roma • êxtase • morte e sepultura de sua mãe.

**Cassiciaco** • vila perto de Milão • lugar de retiro em companhia de seus amigos antes do batismo escreve vários tratados filosóficos em diálogo com seus amigos.

**Hipona** • sede diocesana de Agostinho onde foi ordenado Sacerdote e depois Bispo. Fundou três mosteiros; onde morreu e foi sepultado.

II

---

*Capítulo*

*Obras*

---

*“Falar com Deus é mais importante do que falar de Deus”.*

*— S. Agostinho —*

## **A Cidade de Deus**

### **Parte I**

*N*a obra *A Cidade de Deus*, Agostinho fez oposição entre sensível e inteligível, alma e corpo, espírito e matéria, bem e mal e ser e não ser. Acrescenta a história à filosofia, interpretando a história da humanidade como o conflito entre a Cidade de Deus, inspirada no amor a Deus e nos valores que Cristo pregou, presentes na Igreja, e a Cidade Humana, baseada nos valores imediatos e mundanos. Essas cidades estariam presentes na alma humana, e no final a Cidade de Deus triunfaria.

Deus fez o homem à sua imagem e deu-lhe alma, dotada de razão e de inteligência, que se tornava superior a todos os restantes animais terrestres, nadadores e voadores, destituídos de mente. E, depois de haver do pó da Terra formado o homem e, soprando, haver-lhe insuflado alma, quer a houvesse feito antes, quer ao soprar, como dissemos, e quisesse que o sopro que, soprando, produziu a alma do homem, deu-lhe companheira como auxiliar para a geração, formando-a, como Deus, de uma costela de Adão<sup>1</sup>.

A concepção das duas cidades encontra sua base na reflexão agostiniana dos dois amores. A vida humana se desenrola entre dois amores, entre duas forças: uma terrestre e outra espiritual e celeste. Dois amores, que desenvolvem a vida humana.

---

<sup>1</sup> Santo Agostinho, *Cidade de Deus I*, p 89.

*Felicidade em Santo Agostinho*  
*Helânia Raquel Amaral de Oliveira*

Para a visão de mundo e a interpretação da história de Santo Agostinho, A Cidade de Deus é toda e somente a ordem da fé.

Agostinho descreve a invasão de Roma pelos bárbaros de Alarico. Apesar de africano de nascimento, tinha o coração latino e ninguém sofreu mais do que ele, ao conhecer a grandeza daquele impiedoso massacre e a terrível devastação que os bárbaros impuseram ao Império Romano, que chegava ao fim, por culpa das desapropriações internas, pelo enfraquecimento da obediência à autoridade e pela falta de responsabilidade e honra, de seus próprios filhos.

Sua obra foi dividida em duas partes a primeira começa no livro I ao X onde fala sobre a cidade de Deus parte I o amor de Deus uma busca constante foi publicado em 1991, tendo 414 páginas.

**A Cidade de Deus**  
**Parte II Contra os Pagãos**

A origem desta obra de Santo Agostinho parece colocar num fato bem específico: a invasão e o saque de Roma em 410, por Alarico, rei dos visogodos é o que nos conta o próprio Santo Agostinho no livro 43 da segunda parte das *retractationes*, quando afirma: Por isso ardendo em zelo pela casa de Deus, resolve escrever estes livros da cidade de Deus contra suas blasfêmias ou erros.

Damos o nome Cidade de Deus, de que dá testemunho a Escritura, àquela que rendeu à sua obediência, não por movimentos anímicos fortuitos, mas por disposição da soberana Providência, todos os engenhos humanos, com a garantia de autoridade divina superior aos espíritos de todas as nações: Lê-se na Escritura: Coisas gloriosas se disseram de ti, Cidade de Deus. Lê-se noutro salmo: Grande é o Senhor e muito digno de louvar na cidade do nosso Deus, em seu santo monte, que dilata os contentamentos e alegrias de toda a terra<sup>2</sup>.

Nesta tarefa Santo Agostinho levou 13 anos.

A concepção das cidades I e II encontra sua base na reflexão agostiniana dos dois amores: terrestre e celeste. Entre estas duas forças se desenvolve a vida humana. O leitor que se dispuser a entrar no mundo descrito nesta, se defronta com

---

<sup>2</sup> Santo Agostinho, *Cidade de Deus II*, p19.

*Felicidade em Santo Agostinho*  
*Helânia Raquel Amaral de Oliveira*

uma verdadeira floresta de temas e assuntos, onde prevalecem: uma apologia da religião; uma enciclopédia da cultura antiga e uma interpretação da história.

A obra supera todas as outras pela variedade pela multiplicidade e pela amplitude dos argumentos, erudição histórica e científica, pela magnificência do estilo, pela robustez; agudeza, e finura dos raciocínios. É uma obra prima, não pode um povo comum compreendê-la, mas os pensadores e os que buscam as mais altas e sublimes razões esta toma, persuasiva e bela a fé cristã.

Sua obra começa no livro XI a XXII no qual se trata sobre contra os pagãos, parte II foi publicado em 1990 tendo 589 páginas.

### **Confissões**

As confissões, obra de maior interesse literário, são diálogos contínuos com Deus, em que Santo Agostinho narra a sua vida e, especialmente, a experiência espiritual que acompanha a sua conversão. Esta autobiografia é famosa pela sua introspecção psicológica e pela profundidade e agudeza das suas especulações.

Mas onde vos encontrarei para vos poder conhecer? Vós não habitáveis na minha memória quando ainda não vos conhecia. Onde vos encontrei, para vos conhecer, senão em vós mesmo que estais acima de mim? Nessa região não há espaço absolutamente nenhum. Quer retrocedamos, quer nos aproximemos de vós, aí não existe espaço<sup>3</sup>.

Cumprir uma caminhada de libertação. Santo Agostinho alerta que nas dificuldades da vida, o homem não luta para chegar a si próprio apenas a sorte individual, mas o destino histórico do homem de sempre. Pois, o modo como se dá a libertação da verdade é tão simples que cansa e exaure todas as pretensões. Libertar-se será investigar a verdade procurando a verdade, procurando as realizações do real. Adquirindo também uma vida do real. Esta procura constituir o desafio histórico do homem de amanhã empenhado com os recursos do ontem em novas tentativas de realizar o hoje.

O desafio de uma história nunca se descarta virando as costas e refugiando-se na ideologia. Por seu lado, o desafio histórico da libertação nunca se exaure e por

---

<sup>3</sup> Santo Agostinho, *As Confissões*, p 242.

*Felicidade em Santo Agostinho*  
*Helânia Raquel Amaral de Oliveira*

isso retorna sempre de novo. A questão decisiva é se está ou não indisposto o suficiente, se é ou não desprendido o bastante para assumi-lo e praticá-lo em atitudes e atos.

O pensamento fundamental das Confissões, naturalmente é aquele que Santo Agostinho não diz, nem pensa, mas de que ele sempre parte em tudo o que diz, e por isso mesmo, faz pensar e pelo qual leva a empenhar no pensamento humano.

Em suas confissões, Agostinho dedica estas palavras à Santa Mônica, sua mãe: *“Não quero calar os sentimentos que me brotam da alma, acerca desta vossa serva, que, pela carne, me concebeu para a vida temporal, e pelo coração me fez carne para a vida eterna”*<sup>4</sup>.

Esta obra é composta por oito livros nos quais falam do pensamento humano tendo ao todo 367 páginas foi publicado em 1992.

---

<sup>4</sup> Pedro, SIND, *Vida de Santo Agostinho*, <http://www.cade.com.br/>

III

---

*Capítulo*

*Felicidade*

---

*“Eu estou renascendo. Cada nova manhã é o momento de  
recomeçar a viver (...) Isto não significa uma rotina  
mecânica, mas algo essencial, para minha felicidade”.*

*— Pablo Casals —*

**F**elicidade<sup>1</sup> em geral, estado de satisfação devido no mundo. Por esta relação com a noção de felicidade difere de bem-aventurado, que é o ideal de satisfação independente da relação do homem com o mundo, por camada à espera contemplativa ou religiosa conceito de felicidade é humano e mundano. Na Grécia antiga, onde Tales julgava quem tem corpo são e forte, boa sorte e mente formada. A boa sorte na vida e o sucesso da formação individual constituem os elementos primordiais da vida humana.

E a virtude outra coisa não é, segundo Platão, senão a capacidade da alma de cumprir seu próprio dever, o homem da melhor maneira. Portanto, também a noção platônica de felicidade é relativa à situação do homem no mundo e aos deveres que aqui lhe cabem. Quanto a Aristóteles, insistiu no caráter contemplativo da felicidade em seu grau superior, mas apresentou uma noção mais ampla de felicidade, definindo-a como “certa atividade da alma, realizada em conformidade com a virtude”, ela não exclui, mas inclui a satisfação das necessidades e das aspirações mundanas. As pessoas felizes, segundo Aristóteles, devem possuir as três espécies de bens que se podem distinguir, quais sejam os exteriores, os do corpo e da alma. É verdade que “os bens exteriores, assim como quaisquer instrumentos, têm um limite dentro do qual

---

<sup>1</sup> Enciclopédia Mirador, p 435.

*Felicidade em Santo Agostinho*  
*Helânia Raquel Amaral de Oliveira*

desempenham sua função utilitária de instrumentos, mas além do qual se tornam prejudiciais ou inúteis para quem os possui. Os bens espirituais, ao contrário, quanto mais abundantes, mais úteis”. Mas em geral pode-se dizer que cada qual merece a felicidade, na medida da virtude, do tino e da capacidade de bem agir que possui, podendo se tomar como exemplo a divindade, que é feliz e bem-aventurada não graças aos bens exteriores, mas por si mesma, por aquilo que ela é por natureza”, portanto mais acessível ao sábio que mais facilmente se basta a si mesmo, mas é a isso que devem tender todos homens e as cidades.

A ética pós-aristotélica, ao contrário, ocupa-se exclusivamente da felicidade do sábio; a nítida distinção feita pelos estóicos entre sábios e loucos, torna obviamente inútil preocupar-se com estes últimos. O sábio é aquele que basta a si mesmo e que acha a felicidade em si mesmo, o que melhor se chamaria bem-aventurança. Plotino censura na noção aristotélica de felicidade o fato de ela consistir em que cada ser desempenhe sua função e atinja seus próprios objetivos, podendo ser perfeitamente aplicada não só aos homens, mas também aos animais e às plantas. Nos estóicos Plotino critica a incoerência que consiste em considerar a felicidade independente das coisas externas, ao mesmo tempo em que aponta essas mesmas coisas como objetivo da razão. Para Plotino, a felicidade é a própria vida; por isso, enquanto pertence a todos os seres vivos, pertence eminentemente à vida mais completa e perfeita, que é a da inteligência pura. O sábio, em quem tal vida se realiza, é um bem para si mesmo: só tem necessidade de si para ser feliz e não busca as outras coisas ou então as busca somente porque são indispensáveis às coisas que lhe pertencem. A felicidade do sábio não pode ser destruída pela má sorte, pelas doenças físicas ou mentais, nem por qualquer circunstância desfavorável, assim como não pode ser aumentada pelas circunstâncias favoráveis, por isso, é a própria bem-aventurança de que gozam os deuses. A filosofia medieval adotou e enfatizou esses conceitos, adaptando a eles por vezes a própria doutrina aristotélica, mas estendendo-os à totalidade dos homens.

A partir do humanismo, a noção de felicidade começa a ser estritamente ligada à de prazer, como já havia ocorrido com os cirenaicos e com os epicuristas. A obra de *De voluptate* de Lourenço Valla gira em torno dessa conexão, que acentua o mundo moderno. Locke e Leibniz concordam nesse aspecto. Locke diz que a felicidade

*Felicidade em Santo Agostinho*  
*Helânia Paquet Amaral de Oliveira*

é o maior prazer de que somos capazes, e a infelicidade o maior sofrimento; o grau ínfimo daquilo que pode ser chamado de felicidade é estar tão livre de sofrimentos e ter tanto prazer presente que não é possível contentar-se com menos. E Leibnitz: “Creio que a felicidade é um prazer durável, o que não poderia acontecer sem o progresso contínuo em direção a novos prazeres”. A noção de felicidade como prazer ou como soma, ou melhor “sistema” de prazeres, segundo a expressão do velho Aristipo, começa a adquirir significado social com Hume: a felicidade torna-se um prazer que pode ser difundido, o prazer do maior número, e dessa forma a noção de felicidade torna-se a base do movimento reformador inglês do século XIX. Entrementes, Kant, que julgava impossível considerar a felicidade como fundamento da vida moral, esclarecia eficazmente a noção de felicidade sem recorrer à de prazer. A felicidade é a condição do ser racional no mundo, para quem, ao longo da vida, tudo acontece de acordo com seu desejo e vontade. Trata-se, portanto, de um conceito que o homem não haure dos instintos e que não deriva daquilo que nele é animalidade, mas que ele constrói para si de maneiras diferentes, que ele pode alterar com frequência, muitas vezes arbitrariamente. Kant julga que a felicidade é a parte integrante do bem supremo, que para o homem é a síntese de virtude e felicidade. Mas como tal, o bem supremo não é realizável no mundo natural, seja porque nada garante neste mundo a perfeita proporção entre moralidade e felicidade, em que consiste o bem supremo, seja porque nada garante a satisfação plena de todos os desejos e tendências do ser racional, em que consiste a felicidade.

Portanto, para Kant, a felicidade é impossível no mundo natural, sendo transferida para um mundo inteligível, que é “o reino da graça”. Em primeiro lugar, Kant teve o mérito de enunciar com rigor a noção de felicidade, e, em segundo lugar, de mostrar que essa noção é empiricamente impossível, irrealizável. De fato, não é possível que sejam satisfeitas todas as tendências, inclinações e volições do homem, porque de um lado a natureza não se preocupa em vir ao encontro do homem, com vistas a essa satisfação total, a de outro porque as próprias necessidades e inclinações nunca se aquietam no repouso da satisfação. Associada ao conceito de satisfação absoluta e total, em que Hegel também insiste, a felicidade torna-se o ideal de um estado ou condição inatingível, a não ser no mundo sobrenatural e por intervenção de

*Felicidade em Santo Agostinho*  
*Helânia Raquel Amaral de Oliveira*

um princípio onipotente. Não é de admirar, portanto, que toda a parte da filosofia moderna que passou pelo filtro do kantianismo tenha desprezado a noção de felicidade e não a tenha utilizado na análise daquilo que a existência humana é ou deve ser. Todavia, com Hume, o empirismo inglês havia iniciado um novo desenvolvimento dessa noção em sentido social, o que é próprio do utilitarismo. Hume observara que, quando se elogia alguma pessoa bondosa e humana, nunca se deixa de dar destaque à felicidade e satisfação da sociedade humana em poder contar com sua ação e com seus bons serviços. Portanto, identificara o que é moralmente bom com o que é útil e benéfico. Depois dele, Bethan retomava como fundamento da moral a fórmula de Beccaria: “A maior felicidade possível, no maior número de pessoas”, fórmula em que também se inspiram James Mill e Stuart Mill, acentuando cada vez mais o seu caráter social.

Em nossos dias, os filósofos da liberdade declaram que “não há moral geral”, mas escolhas de existência. Para Sartre a felicidade não é mais um fim a ser atingido, mas uma função cíclica e intermitente, só surgindo na medida em que a afirmamos. Por sua vez, podemos falar da felicidade sem considerar a forma da sociedade em que ela se manifesta: “Freud estabeleceu o vínculo profundo entre a liberdade e a felicidade humana, de um lado, e a sexualidade, do outro: a sexualidade fornece a fonte original da felicidade e da liberdade. Assim, a felicidade é um valor cultural”, está subordinada às exigências do trabalho e da produção.

Seguindo a tradição neoplatônica, em cuja estrutura não há lugar para o mundo sensível e que vê a verdade absoluta por trás de todas as verdades particulares, também Santo Agostinho reflete sobre uma iluminação pela qual o espírito humano participa da verdade absoluta e a partir desta ação da alma, no reconhecimento da verdade, é que será possível o conhecimento. No entanto, esta verdade e felicidade só podem ser asseguradas por algo que se coloque hierarquicamente acima dos homens e das coisas, ou seja, por Deus.

Para Santo Agostinho aquele que deseja ser feliz, deve procurar um bem permanente, já que em nenhum instante pode-se possuir aquilo que é passageiro e que não traria a felicidade, sendo assim Santo Agostinho pergunta: É Deus eterno e mutável?, Pois quem possui a Deus é feliz.

*Felicidade em Santo Agostinho*  
*Melânia Raquel Amaral de Oliveira*

Através disso cabe aos ser humano conscientizar da importância de Deus na sua vida, sabendo que tudo o que se faz está em Deus, que sem ele nada se tem, é ele quem dá tudo e sem Ele o homem não é nada. E qual ser humano pode dizer que é feliz sem a presença de Deus em seu meio? E o que faz sentir a presença dele? Acredita-se ser a fé, um dos caminhos para se chegar até ele, e chegando a ele, chegará a felicidade. Querer ser feliz é o que todos almejam.

Santo Agostinho diz que se deve buscar a felicidade, o conhecimento e a sabedoria.

O amor de Deus é o que satisfaz. Se é feliz, quando torna esse mundo a Cidade de Deus, pois Deus criou o homem a sua imagem e semelhança, no entanto, este deve seguir o seu caminho e encontrará a felicidade.

Há uma maneira diferente de ser feliz, quando cada um possui a felicidade em concreto. Há quem seja feliz simplesmente em esperança. Estes possuem a felicidade de um modo inferior ao daqueles que já são realmente feliz. Mas, ainda assim, estão muito melhor que aqueles que não têm nem a felicidade, nem a esperança. Mesmo antes devem experimentá-la de qualquer modo, porque no caso contrário não desejaríamos ser felizes<sup>2</sup>.

Há pessoas acomodadas que às vezes não encontram a felicidade e também não procuram em nada, simplesmente cruza os braços e não luta, não busca, achando as coisas ruins, mas não quer ter um objetivo na vida, construir um ideal.

Cada ser humano constrói a sua felicidade, há maneiras diferentes de ser feliz, deve-se buscar um caminho que leve a felicidade, não se pode viver em um mundo de tristezas e amarguras.

Não sei como conheceram a felicidade, nem porque noção habita na memória. Se lá existe, é sinal de que alguma vez já fomos felizes. Eu agora não procuro indagar se fomos todos felizes individualmente, ou o fomos somente naquele homem que primeiro pecou, em quem todos morremos, e nascemos na infelicidade. O que quero saber, é se a vida feliz reside ou não na memória. Se não conhecêssemos, não o podíamos amar<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Santo Agostinho, *Confissões*, p237.

<sup>3</sup> Idem, p237-238.

*Felicidade em Santo Agostinho*  
*Helânia Raquel Amaral de Oliveira*

O amor é a chave que abre as portas da felicidade. O ser humano não pode viver isolado, ele precisa conviver com os outros, amar, conhecer o lado espiritual e carnal, conhecer o mundo para encontrar a felicidade.

De uma forma geral felicidade é o estado de satisfação plena e global de todas as tendências humanas, ou seja, é a forma de enfrentar as coisas mundanas.

Difere o ideal de satisfação independente da relação do homem com o mundo.

O alvo da vida é trabalhar jubilosamente e encontrar a felicidade. E ter a felicidade, é estar interessado na vida e atender aos apelos da vida não apenas com o cérebro, mas com todo o ser<sup>4</sup>.

A felicidade consiste, sem dúvida, num eterno “recriar a vida”. A ânsia de viver, que nada acalma, é a chama da alma que clama pela felicidade! Por isso ela entra no coração, quando se vive plenamente.

É preciso ter o coração aberto, amar sempre, confiar, lutar, esperar, enfrentar os obstáculos que a vida oferece de cabeça erguida e nunca deixar abater pelos espinhos ao longo da caminhada. A vida do ser humano não só um mar de rosas.

A maioria das pessoas, às vezes faz de sua vida um desespero, porque elas são sem beleza, sonhos, romance, amor, fé e se fecham em um mundo vazio onde não encontram caminhos para superar sua solidão, porque desejam encontrar o inatingível e buscam a felicidade onde ela não está.

A vida consiste em chorar, rir, emocionar-se sem isto não existe felicidade. As batalhas da vida são, de um modo geral, as mesmas para todos. Os homens enfrentam dificuldades semelhantes: desavenças, compromissos, envelhecimentos, enfermidades, mortes, catástrofes e acidentes são comuns. Felicidade não significa ausência destes elementos. São felizes aqueles que reconhecem estes acontecimentos.

Para compreender Santo Agostinho é necessário que se volte o olhar para a patrística.

Os padres latinos anteriores a Santo Agostinho, geralmente, foram muito pouco atraídos pela filosofia e, mesmo quando se ocuparam dela, não criaram idéias verdadeiramente novas. A formação cultural dos primeiros apologistas foi de caráter jurídico-retórico, especialmente no sensível e vivo ambiente africano. Em

---

<sup>4</sup> Maria Luiza Silveira TELES, *Filosofia para jovens*, p57.

*Felicidade em Santo Agostinho*  
*Helânia Raquel Amaral de Oliveira*

outros padres prevaleceram os interesses estritamente teológicos e pastorais ou então filológicos e eruditos. Em geral, o lugar que eles ocupam na história da filosofia é bastante modesto<sup>5</sup>.

Patrística é o nome da Filosofia cristã dos primeiros séculos. Consiste na elaboração doutrinal das crenças religiosas do cristianismo e na sua defesa contra os ataques dos pagãos e contra as heresias, ela caracteriza pela indistinção entre religião e filosofia. Para os padres da igreja a religião cristã é uma expressão íntegra e definitiva da verdade que a filosofia grega atingira imperfeita e parcialmente, com efeito, a razão que se faz carne em Cristo e se revelou plenamente aos homens.

A herança da Patrística foi recolhida, no início do Renascimento carolígio pela escolástica.

A Patrística costuma ser dividida em três períodos: o primeiro que vai mais ou menos até o século II, é dedicado a defesa do cristianismo contra seus adversários pagãos e anósticos. O segundo que vai do século III até aproximadamente a metade do século IV é caracterizado pela formação doutrinal das crenças cristãs; é o período dos primeiros grandes sistemas da filosofia cristã. O terceiro período, que vai da metade do século V até o fim do século VIII é caracterizado pela reelaboração das doutrinas já formuladas bem como pela ausência de formações originais.

Santo Agostinho foi o maior propagador medieval da Igreja Católica, sendo um grande contribuidor da Patrística.

Para Santo Agostinho o homem é uma alma racional que se serve de um corpo mortal e terrestre, expressa assim o seu conceito antropológico básico. Distingue, na alma, dois aspectos: a razão inferior e a razão superior. A razão inferior tem por objecto o conhecimento da realidade sensível e mutável: é a ciência, conhecimento que permite cobrir as nossas necessidades. A razão superior tem por objecto a sabedoria, isto é, o conhecimento das idéias, do inteligível, para se elevar, para se elevar até Deus. Nesta razão superior dá-se a iluminação de Deus.

Dentro dos livros *As Confissões* de Santo Agostinho os primeiros tomam a felicidade como uma atividade da alma em consonância com a virtude, os segundos como um vigor da alma e os terceiros como a vontade do corpo. Para um cristão, a

---

<sup>5</sup> Giovanni REALE, *história da filosofia*, p424.

*Felicidade em Santo Agostinho*  
*Melânia Raquel Amaral de Oliveira*

felicidade é um dom de Deus. O homem deve procurá-la através da purificação da alma. Para purificar a alma o homem tem de reconhecer a condição miserável da humanidade após o pecado original, e tem de ter a humildade de reconhecer a felicidade como alheia a si.

Para Agostinho, todos os homens querem ser alegres e felizes, mas a verdadeira felicidade só vem de Deus. A carne e seus apelos à matéria, podem levar o homem a confundir aquilo que pode fazer, mas não aquilo que realmente quer fazer! Deus é a felicidade porque é a verdade. E a alegria reside na verdade. Esta é a uma só e Deus a sua fonte, se o homem busca a Deus, ele encontra o caminho da felicidade, pois ele é o caminho a verdade e a vida.

Agostinho encontrou sempre a mesma verdade e dela se lembrou. Desde que conheceu a Deus, dele se esqueceu, e este permanece em sua memória, como fonte de suas delícias deixando para trás suas vaidades, aventuras, ou seja, sua vida de boemia e encontrou sua felicidade na sua vida espiritual que é Deus.

Assim é o homem, vive uma vida de vaidade, ganância, ambições, aventuras e esquece de olhar para sua vida espiritual achando que é feliz, sem buscar as maravilhas de Deus, sendo que a fonte da verdadeira verdade está nele. O homem deve invocar a Deus, mas este já habita nele. Para voltar a encontrar a verdade e a felicidade tem que purificar sua alma, livrando-se principalmente do orgulho e da soberba, das comoções da carne seguindo exemplo de Jesus Cristo que foi ao mesmo tempo Deus e homem, verbo imortal e carne perecível. Este morreu para salvar o homem do pecado original.

### **A Felicidade na Sociedade**

O homem nasce com direito à felicidade, ao amor, a liberdade, ao entendimento de necessidades básicas. Entretanto, numa sociedade fria, cruel e injusta, tem de conquistar tudo, o preço de lutas, derrotas e estar sempre em busca de algo novo, novas conquistas e nunca ser um ser acomodado.

O alvo da vida é trabalhar jubilosamente e encontrar a felicidade.

*Felicidade em Santo Agostinho*  
*Helânia Raquel Amaral de Oliveira*

A vida numa sociedade é dinâmica e o homem só pode ser feliz se crescer e para isto, tem que mudar constantemente.

O que estagna, morre. Se tornar impermeável ao novo, estará optando pelo isolamento, pela alienação e condenado à infelicidade. Se morrer para o “fluxo da vida”, ficará à margem dela e negará a felicidade.

Se o homem é infeliz insatisfeito e escravizado a preconceitos, velhas crenças e idéias, opiniões alheias, carente de si mesmo e dos outros, sem acesso ao seu interior, chave da liberdade autêntica, ele é incapaz de viabilizar uma sociedade livre e justa.

Somente o homem feliz pode consolidar relacionamentos verdadeiros.

### **A felicidade em Deus**

Não amo a formosura corporal, nem a glória temporal, nem a claridade da luz tão amiga destes meus olhos, nem as dores das canções de todo o gênero, nem o suave cheiro das flores, dos perfumes ou dos aromas, nem o maná ou o mel, nem os membros tão flexíveis aos abraços da carne. Nada disto amo, quanto amo o meu Deus. E, contudo, amo uma luz, uma voz, um perfume, um alimento e um abraço, quando amo o meu Deus. Luz, voz, perfume e o abraço do homem interior, onde brilha para a minha alma uma luz que nenhum espaço contém, onde ressoa uma voz que o tempo não arrebatava, onde se exala um perfume que o vento não espargia, onde se saboreia uma comida que a sofreguidão não diminui, onde se sente um contato que a sociedade não desfaz. Eis o que amo, quando amo meu Deus<sup>6</sup>.

O cristianismo não é uma filosofia. É uma religião revelada, ou seja, tem como origem à própria palavra de Deus. O evangelho não é um sistema de conhecimento intelectual, mas um saber de salvação que, para ser compreendido e aceito, não é necessário qualquer sistema filosófico. Mas, como a religião crescia cada vez mais, aqueles que possuíam toda uma cultura intelectual pagã, ou seja, aqueles que acreditavam os sistemas filosóficos greco-romanos, não queriam renunciar a esta cultura com a sua conversão.

---

<sup>6</sup> Carlos Augusto B. NELESSEN, *Vida e obra de Santo Agostinho*, <http://www.yahoo.com.br/>

*Felicidade em Santo Agostinho*  
*Helânia Raquel Amaral de Oliveira*

Começa então, um grande problema é a revelação entre a fé e razão, e que não é só deste período, mas se prolongará por todo período seguinte, o Escolástico, durante a Idade Média. Os padres argumentavam que: a saberia pagã era obra da razão, e por isso também obra de Deus, logo ela pode ser utilizada a serviço da fé, surgindo assim uma filosofia cristã. O principal nome da Patrística é Santo Agostinho, que elaborou uma expressão muito conhecida “creio para que possa entender”. Mas qual a relação entre razão, fé e felicidade tema tão querido para Santo Agostinho? É que para ele a motivação para a filosofia estaria na busca da felicidade. Ele afirma na sua obra *A Cidade de Deus* que “o homem não tem razão para filosofar, exceto para atingir a felicidade”. Para Santo Agostino a filosofia é produto da razão, e acreditando assim, seria um dos caminhos a se chegar até a felicidade, permitindo descobrir uma verdade, o homem terá uma vida feliz de acordo com que existe de melhor nele, como dizia São Tomás “A luz da razão e a luz da fé provém ambas de Deus”. Deste modo, a fé não teme a razão, mas solicita-a e confia nela.

Santo Agostinho, juntamente com seus amigos, chega à conclusão de que aquele que deseja ser feliz deve procurar um bem permanente, já que em nenhum instante pode-se possuir aquilo que é passageiro e que não traria a felicidade, mas o único bem permanente seria a paz de espírito, a pessoa estar bem consigo mesma, mas infelizmente a felicidade permanente não existe, pode-se observar que mesmo tendo bens materiais e momentos paz, se têm momentos felizes. Para Agostinho a felicidade é muito mais do que isso é algo que transmite paz interior e tudo aquilo que preenche o vazio, carências, tudo que completa e realiza.

Por esta razão é que ele fala muito sobre o livre arbítrio que é a liberdade como possibilidade, porque dependendo do que se escolhe, pode-se ter uma vida feliz ou infeliz.

Sendo assim, Santo Agostinho pergunta: “É Deus eterno e imutável?, portanto conclui Agostinho “Quem possui a Deus, é feliz”. Através disso cabe a nós seres humanos nos conscientizar da importância de Deus em nossas vidas, cabe a nós sabermos que tudo e em tudo que fazemos Ele está, que sem Ele nada temos e nada somos, porque tudo que conseguimos e que nos traz felicidade mesmo que seja passageiro, vem através de Deus, pois nada acontece se Deus não quiser. Santo

*Felicidade em Santo Agostinho*  
*Helânia Raquel Amaral de Oliveira*

Agostinho diz que devemos buscar a felicidade, o caminho e a sabedoria, porque através do conhecimento teremos uma instrução sobre a felicidade que é considerada como uma plenitude e não uma carência e assim seremos sábios, porque a sabedoria é considerada fonte de verdade, pois a verdade e a sabedoria é considerada fonte de verdade, pois a verdade e a sabedoria que são o próprio Deus nos poderá levar a verdadeira felicidade. Mas aquele que por seus pecados se afasta de Deus, não tem um Deus favorável e não é feliz.

Agostinho expõe sobre o conceito de sabedoria da vida, fundamentado nos estóicos, fala da posição do sábio frente aos bens materiais e quando diz que a felicidade se encontra na razão; e resume da seguinte forma: ser feliz é não possuir nenhuma carência, é ser sábio. A sabedoria é a medida do espírito, sem esta medida a alma procura os prazeres, o orgulho, a ambição etc. Ou se faltar cai em aflição, angústia. A sabedoria é sabedoria de Deus ou o filho de Deus; aquele que é feliz, possui conseqüentemente, a Deus.

A busca da sabedoria implica a busca do saber. Contudo, a sabedoria não equivale simplesmente ao saber, visto que nem todo saber conduz à felicidade. A sabedoria é a busca daquele saber que, por sua própria natureza, torna feliz a quem cultua. Não assim a "ciência": esta visa algum outro fim, e não a felicidade.

Agostinho dizia que quando procurava o "Deus" ele buscava a vida feliz. Há uma maneira diferente de ser feliz quando cada um possui a felicidade em concreto. Há quem seja feliz de um modo inferior ao daqueles que já são realmente felizes. Mas, ainda assim, estão muito melhor que aqueles que não tem nenhuma felicidade, nem a sua esperança. Mesmo estes devem experimentá-la de qualquer modo, porque, no caso contrário, não desejariam ser felizes.

De certa forma a tendência do ser humano é de estar sempre feliz, ou de achar que qualquer coisa é motivo de felicidade, que "é a felicidade passageira que Santo Agostinho fala, mas é porque na realidade se vive de momentos felizes. Talvez pelo homem ser fraco ou por não estar preparado ainda para aceitar que a verdadeira felicidade é Deus".

*Felicidade em Santo Agostinho*  
*Helânia Raquel Amaral de Oliveira*

E como se chega a essa verdadeira felicidade? Através de si mesmo, da crença, fé, confiança e vontade, pois a partir do momento que se aceita Deus como o único e principal objetivo será realmente feliz.

Todos nasceram com o direitos e deveres e um desses direitos e deveres é ser feliz, pois é uma das necessidades que o ser humano necessita, assim como o amor e a liberdade. Portanto, tudo que se busca, que faz bem já é motivo para ser feliz, mesmo que seja questão de momento.

Se a felicidade está em Deus. Agostinho queria tirar o que pudesse da existência divina.

Existe uma lenda que fala das suas preocupações e do seu dedicado interesse em querer descobrir o Mistério Divino da Santíssima Trindade.

Conta que certo dia, caminhando e rezando numa praia, com seus olhos perspicazes examinava a imensidão celeste, ao mesmo tempo em que no seu cérebro surgiam uma a uma, dezenas de indagações, todas as perguntas que estavam sem respostas em sua mente. Ele buscava soluções e caminhos de raciocínio, alguma luz que o ajudasse a compreender a verdade oculta.

Eis que em dado momento, abaixando os olhos, vê na praia uma linda criança com uma conchinha na mão trazendo água do mar e colocando-a num pequeno buraco que tinha feito na areia da praia!

Aproximou-se e carinhosamente perguntou-lhe o que estava fazendo. A criança respondeu:

\_ Estou tentando colocar toda a água do mar neste buraco.

Homem sagaz e inteligente percebeu que aquela resposta era um recado de Deus para sua intensa curiosidade.

A mente humana é mesquinha, pequena e com pouco merecimento, para conhecer e compreender o conteúdo e a beleza do Grande Mistério de Deus.

Agostinho ficou conhecido por "cristianizar" Platão, fazendo vários paralelos entre a parte espiritualista dele (que diz existir um mundo transcendente) e as sagradas escrituras. Faz a distinção entre o corpo, sujeito à sorte do mundo e a alma, que é atemporal. Com a qual se pode conhecer Deus. Antes de Deus ter criado o mundo a partir do nada as Idéias eternas já existiam na sua mente. Deus é bondade pura. Ele já

*Felicidade em Santo Agostinho*  
*Helânia Raquel Amaral de Oliveira*

conhece o que uma pessoa vai viver antes dela viver. Assim apesar da humanidade ter sido amaldiçoada depois do pecado original, alguns alcançarão a verdade divina, a salvação. Isso depende do uso que fazemos do livre arbítrio, a faculdade que o indivíduo tem de determinar de acordo com a sua própria consciência a sua conduta, livre da Divina Providência enquanto está vivo. Seria o ato livre de decisão, de opção. Durante um diálogo, Agostinho chega a conclusão que o mal não provém de Deus, mas sim do mau uso do livre arbítrio. De fato, para ele não existe mal, apenas a ausência de Deus. (com isso ele refuta de vez a doutrina dos maniqueus).

Com uma vida errada, a alma fica presa ao corpo, porém a relação correta é a inversa. Os órgãos sensoriais sentem a ação dos elementos exteriores, a alma não. Deus é a fonte dos conhecimentos perfeitos e não o homem. A experiência mística leva à iluminação divina. Assim se chega às verdades eternas, e o intelecto então é capaz de pensar corretamente a ordem natural divina. A unidade divina é plena e viva, e guarda a multiplicidade. O amor de Deus é infinito. A graça e a liberdade complementam-se.

A felicidade em nosso meio hoje, as vezes fica um pouco difícil para ser encontrada, pois o ser humano vive, em busca das grandes coisas e esquece que ela pode estar nas pequenas coisas.

Ser feliz não é ter bens materiais como: carro, situação financeira estável viver bem com a família, viagens, e tudo mais seriam momentos felizes, na concepção de Agostinho é uma felicidade passageira.

Outros dizem que Felicidade é estar bem consigo mesmo que seria aquela paz de espírito, um momento de reflexão, de harmonia, de paz interior.

Segundo algumas pesquisas ela é incompatível a outros sentimentos. A felicidade está dentro de cada indivíduo, cabe a este encontrá-la, ela mora dentro da imaginação humana.

Ninguém pode defini-la, muito menos a receita para alcançá-la. Desde que o mundo é mundo: poetas, filósofos, religiosos e mortais comuns tentam comprovar isso. Mas parece que ela está sempre escapando e que o outro sabe ser mais feliz.

*Felicidade em Santo Agostinho*  
*Helânia Raquel Amaral de Oliveira*

A capacidade de atingir o estado de graça ou felicidade suprema estaria mais ligada a um jeito especial ou a disposição de observar e interpretar o mundo. A felicidade nunca está no topo da montanha e sim a cada percalço dessa caminhada cabe cada um percorrer esse caminho contemplando a cada beleza dessa caminhada.

Quando as pessoas alcançam suas conquistas se tomam felizes.

### **Centenário de Santo Agostinho**

Padre Pelavo Moreno Palácios, Superior Vice-Providencial comenta que quando deparou frente à tarefa de fazer uma revista comemorativa dos Cem Anos de Presença Agostiniana no Brasil, logo percebeu as diversas dificuldades que fariam deste trabalho um paradoxo: Como conseguir expressar o espírito na letra? Como plasmar a singularidade do espírito religioso agostiniano ao longo destes cem anos? Como captar numa camisa de força, como é o limite das palavras, um sentimento tão forte como a entrega incondicional de suas vidas, deixando tudo: casa, família, amigos, costumes, língua, etc., por uma causa maior, a causa do Reino de Deus? E como pôr limites ao amor de Deus que tem dirigido os passos destes seus servos como mensageiros da Boa Nova?

Se a linguagem sempre é um obstáculo para passíveis infidelidades, ela é o instrumento através do qual podemos mostrar a coerência entre a fé e a vida, entre a contemplação e a ação, entre a vida em comunidade e o trabalho comprometido, que sempre foi o marco da atuação dos padres e religiosos agostinianos durante estes cem anos no Brasil. O reconhecimento disto está escrito com palavras gravadas nas placas das ruas, avenidas e praças - inclusive com busto -, bairros, frontispícios de escolas, hospitais, creches e centros de juventude que levam os nomes destes heróis, pelos diversos lugares onde passaram, no Brasil todo.

O bastão foi passado de mão em mão e, durante estes anos, muitas mãos se ofereceram a levá-lo: mãos espanholas e brasileiras, de religiosos e de leigos comprometidos, formando entre todos a grande família da Vice-Província Agostiniana

*Felicidade em Santo Agostinho*  
*Helânia Raquel Amaral de Oliveira*

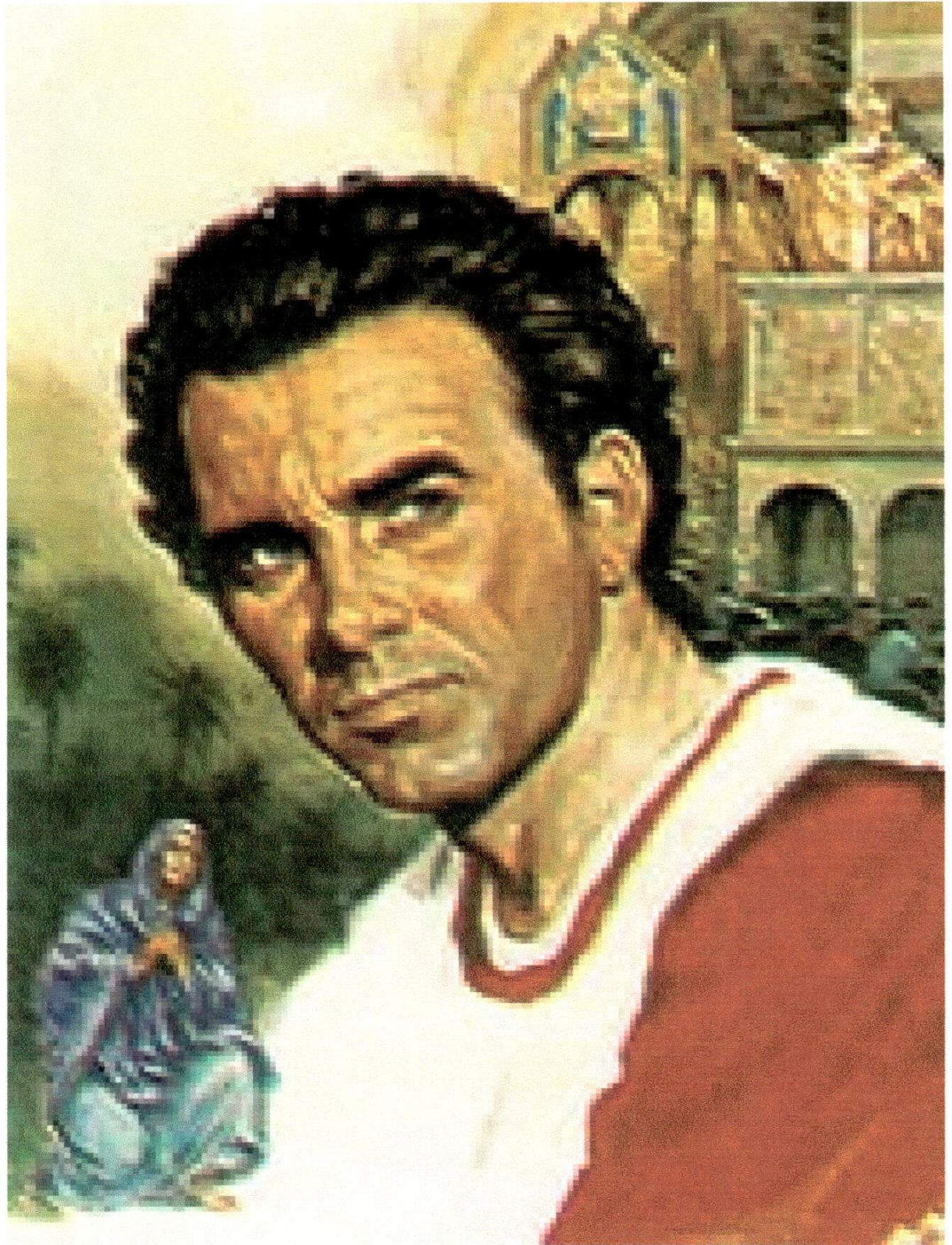
do Brasil.

Ela será apresentada aqui, lembrando um pouco a história dos lugares e obras mais marcantes, realizadas junto ao povo, assim como dos religiosos que trabalharam no Brasil, os que ainda estão vivos e os já falecidos, passando a mostrar sumariamente a Vice-Província hoje, como resposta aos grandes desafios do Brasil atual: frente à situação de pobreza, marginalização e injustiça social, as obras sociais que atendem gratuitamente a toda esta população; frente à invasão e florescimento de seitas, trabalhando e buscando novos métodos de evangelização na paróquia e na escola, e como país emergente nas vocações, incrementando o trabalho vocacional em todas as pastorais.

---

# *Apêndice*

---







## ONDE ESTÁ A FELICIDADE?

Um dia, Deus e os anjos se reuniram e decidiram  
criar um homem e uma mulher.

Planejaram criá-los à sua imagem e semelhança.

Então, um deles disse:

- Esperem! Se vamos criá-los à nossa imagem e semelhança, irão ter um corpo igual ao  
nosso,

força e inteligência igual a nossa!

Devemos pensar em algo que os diferencie de nós,  
senão estaríamos criando novos deuses. Devemos  
tirar-lhes algo, mas o que poderíamos tirar?

Depois de muito pensarem, chegaram à conclusão  
que deveriam tirar-lhes a FELICIDADE, mas o problema  
era onde escondê-la para que nunca a encontrasse.

Então começaram a discutir...

- Vamos escondê-la na montanha mais alta da Terra!

- Não te recordas que demos força a eles? Alguém conseguirá subir até o topo desta  
montanha  
e saberão onde ela está.

- Então vamos escondê-la no fundo do mar!

- Também não seria um bom lugar, pois lhes demos inteligência e alguém certamente  
vai criar alguma  
máquina que os fará submergir e encontrá-la.

- Quem sabe, possamos escondê-la em um planeta bem distante!

- Também não seria eficaz, pois lhes demos a curiosidade e a ambição portanto, irão querer ultrapassar limites e logo criarão algo para voar pelo espaço e certamente a encontrarão.

Depois de muito discutirem e não chegarem a nenhuma conclusão, o único anjo que não havia falado, pediu a palavra e disse:

- Creio que sei onde poderemos colocar a FELICIDADE em um lugar que eles nunca descobrirão!

Todos ficaram espantados e lhe perguntaram...

- Então nos diga, onde??

E ele respondeu:

- Colocaremos a FELICIDADE dentro deles, pois estarão tão preocupados buscando-a fora, que nunca a descobrirão.

Todos ficaram de acordo e desde então tem sido assim:

**O HOMEM PASSA A VIDA TODA BUSCANDO A FELICIDADE SEM SABER QUE A TRAZ CONSIGO...**

---

# *Conclusão*

---

*A*través do pensamento agostiniano pude concluir que a felicidade exige de nós um esforço, e a encontramos dentro de nós mesmo, mas sabemos que não podemos ser felizes sozinhos, temos que ter algo que nos completa.

Nascemos todos, com direito a felicidade, ao amor, a liberdade, ao atendimento de nossas necessidades. Nosso alvo é trabalhar e encontrar a felicidade é estar interessado na vida, é atender ao apelo não apenas com o cérebro, mas com todo o ser.

A felicidade constitui uma condição natural do ser humano. A capacidade de atingir o estado de graça ou felicidade suprema estaria mais ligada a um jeito especial ou a disposição de observar e interpretar o mundo, nossas vidas consiste, sem dúvida, num eterno "recriar a vida". A ânsia de viver, que nada acalma, é a chama de nossa alma que clama pela felicidade!

Por isso ela só entra em nosso coração, quando vivemos plenamente e devemos procurar um bem permanente, já que em nenhum instante podemos possuir aquilo que é passageiro e que não traria a felicidade, mas o único bem permanente seria a paz de espírito que encontraremos dentro de nós mesmos, seria a verdadeira felicidade "Deus".

Precisamos ter um coração aberto, amar sempre, confiar, esperar. É preciso deixar que a luz germine o silêncio nas fontes adormecidas de nossas almas, buscando a verdadeira felicidade.

---

*Referências Bibliográficas*

---

## *Obras de Referência*

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia.** Trad. Alfredo Bosi, 2ª ed, São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL, Enciclopaedia Britânica do Brasil, São Paulo: Martins Fontes, 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da língua portuguesa.** 3ª ed, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

JOSPIASSU, Hilton., DANILO, Marcondes. **Dicionário básico de filosofia.** 2ª ed, Petrópolis, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

LALANDE, Andre. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia.** Trad Fátima Sá Correia et al, São Paulo: Martins Fontes, 1993.

## *Livros*

ARANHA, Maria Lúcia Arruda., MARTINS, Maria Helena Pires. **Introdução à filosofia.** 2ª ed, São Paulo: Moderna, 1995.

BOEHNER, Philotheus., GILSON, Etienne. **História da filosofia cristã.** 6ª ed, Petrópolis: Vozes, 1995.

GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia**: romance da história da filosofia. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

SANTO AGOSTINHO. **A cidade de Deus parte I**. 3ª ed, São Paulo: Vozes, 1991. (Coleção Os Pensadores).

\_\_\_\_\_. **A cidade de Deus contra os pagãos parte II**. 2ª ed, São Paulo: Vozes, 1990. (Coleção Os Pensadores).

\_\_\_\_\_. **Confissões**. 11ª ed, Petrópolis: Vozes, 1992. (Coleção Os Pensadores).

REALE, Giovane. **História da filosofia: do humanismo à Kant**. Vol I, São Paulo: Vozes, 1990. (Coleção Filosofia).

STACCONE, Giuseppe. **O pensamento do homem ocidental e o problema de Deus**. 2ª ed, São Paulo: Vozes, 1991.

TELES, Maria Luiza Silveira. **Filosofia para jovens: uma iniciação à filosofia**. 9ª ed, Petrópolis: Vozes, 1996.

## *Internet*

NELESSEN, Carlos Augusto B. **Vida e obra de Santo Agostinho**. <http://www.yahoo.com.br/>

SIND, Pedro. **Vida de Santo Agostinho**. <http://www.google.com.Br/>